

CORREIO ESPORTIVO

Divulgação / CBA



Wlamir Campos falou sobre o Mundial no DF

Mundial em Brasília tenta massificar a marcha atlética

O Brasil recebeu o primeiro Mundial de Marcha Atlética por equipes com sede no Hemisfério Sul e a Confederação Brasileira de Atletismo (CBA) aposta que o torneio pode gerar uma “massificação” da modalidade, que nos últimos anos ganhou novos adeptos com os bons resultados de Caio Bonfim.

A competição foi realizada neste domingo, 12 de abril, em Brasília, e recebeu 333 atletas, sendo 180 homens e 153 mulheres, de 40 países.

“O Brasil inteiro vai ver a massificação da marcha atlética. Tenho certeza que vai inspirar jovens atletas a conhecerem a modalidade e atrair patrocinadores”, afirmou Wlamir Campos, presidente da CBA.

Legado para o atletismo

“O maior legado que vejo é esse: uma visão massificada da marcha atlética, que apesar de termos um campeão mundial, um vice-campeão olímpico e vários grandes resultados, é uma prova ainda pouco conhecida do brasileiro, e hoje é o principal grupo de provas do atletismo brasileiro”, concluiu Wlamir Campos. A escolha de Brasília, segundo Wlamir, não foi à toa. Caio Bonfim, campeão mundial e prata nos Jogos Olímpicos de Paris-2024, é natural do DF.

Wagner Carmo / CBA



Caio Bonfim é a grande referência da modalidade

Caio Bonfim é a referência

No Mundial, o Brasil teve equipe completa, com 26 atletas. “Brasília não é por acaso. O Caio é a nossa referência. Tinha de ser em Brasília, em homenagem ao Caio, à Janete e ao João Sena [pais de Caio e técnicos na modalidade] e tudo que eles representam. A importância disso? Nós não estamos fazendo festa para os outros. Estamos fazendo um Mundial também para que nossos atletas brilhem. Teremos atletas que disputaram os Jogos Olímpicos de Paris e Tóquio, e uma nova geração vindo muito forte”, disse Wlamir.

Experiência do Mundial em casa

“Estamos fazendo o Mundial para que os nossos atletas performem. E falamos também na base, que vem forte com essa experiência de participar do Mundial em casa. Tenho certeza que isso vai destravar mil bloqueios e essa nossa nova geração inspirada no Caio, na Viviane Lira, no Matheus Correia... Vislumbro algo muito grande”, completou.

Por Alexandre Araujo (Folhapress)

Primeiro Mundial

“É o primeiro campeonato mundial de marcha atlética no Hemisfério Sul, para ter uma ideia da grandeza disso. É um desafio gigante conquistar o direito de realizar um campeonato mundial no Brasil. A World Athletics é uma entidade eurocentrista, está em Mônaco, em uma realidade muito distante da nossa”, disse Wlamir.

Desafio

“O primeiro desafio foi ter a coragem de apresentar uma candidatura, sabendo de todos os desafios. Disputamos com a Polônia, que tem uma tradição gigantesca na marcha e já fez grandes eventos, e com o Equador, que é uma máquina de fazer medalhistas olímpicos na modalidade”, afirmou o presidente.

Disputa

“Não foi uma disputa fácil. Cumprir o caderno de encargos, exigências, muitas delas absurdas... E aí entendemos porque ninguém nunca fez no Hemisfério Sul. A lógica é para não fazer, para você manter as coisas no Hemisfério Norte mesmo, principalmente por conta de grana”, continuou Wlamir.

Preconceito

“Agora, entrando para a Ásia, para os Emirados Árabes... Fazer evento mundial na América Latina, na África, ainda é um grande desafio. Desafio superado. Vencemos, foi muito legal. Aí, começou o trabalho de campo”, disse. “O Caio fala da questão do preconceito, dele estar marchando na rua e as pessoas atirarem coisas, buzinares”.

Marcha Atlética

“É um preconceito também pela falta de investimento acreditando mais em outros grupos de prova. Quando assumimos a CBA, foi a primeira vez que fomos com uma delegação completa no Campeonato Sul-Americano fomos campeões. Mas por que nós nunca tínhamos sido? Não acreditavam”, afirmou o presidente.

Sucesso

“Ainda não temos a marcha atlética nos programas de todos os estaduais. Acredito que teremos e isso vai estimular. É uma construção: inserimos a marcha atlética nos Jogos Escolares Brasileiros. Foi legal. Depois, nos Jogos da Juventude. Quis o destino que desse certo a realização desse Mundial”, concluiu.



Próxima geração de pilotos pode começar em São Paulo

Escolinha de Kart para jovens pilotos em Birigui

Projeto conta com o apoio da Lei Paulista de Incentivo ao Esporte

Da Redação

Enquanto vestem o macacão e os equipamentos de segurança, o clima dentre os pequenos pilotos é de pura descontração. Mas é só sentar no kart e ligar o motor para que os jovens pilotos da Escolinha de Kart, projeto realizado pelo Speed Motor Clube e que conta com o apoio da Lei Paulista de Incentivo ao Esporte, mudem a chave para o famoso ‘modo competição’.

Com sede no Kartódromo Speed Park, em Birigui, no estado de São Paulo, a Escolinha de Kart atende a 60 alunos com idade entre 7 e 11 anos, que em dois meses de aulas práticas e teóricas são ensinados sobre todos os aspectos que envolvem o controle e a manutenção de um carro.

As aulas passam por técnicas de pilotagem, noções de mecânica, segurança na pista e educação no trânsito.

Além de desenvolver motoristas responsáveis ao volante, o projeto visa também a formação de novos talentos para o automobilismo nacional.

Guilherme Saad, de apenas sete anos, é daqueles que parecem ter nascido para competir nas pistas. A agilidade em conduzir o kart e a destreza em achar espaços para ultrapassar os colegas impressionam. O garoto gosta mesmo é de ir pra pista e se divertir.

“Fico muito feliz quando consigo ultrapassar meus colegas.

É o que mais gosto de fazer aqui. Já havia andando de kart, mas na Escolinha aprendi muitas coisas”, diz ele, que não tirava os olhos da mãe ao completar uma volta do circuito do Speed Park.

Para conter os ânimos dos novatos, a Escolinha estabelece algumas regras de conduta. É permitido fazer ultrapassagem apenas quando houver espaço, em caso de toque na traseira, o piloto que vem de trás é penalizado e é terminantemente proibido tirar as mãos do volante durante a corrida e guiar com a viseira do capacete aberta.

“Em qualquer esporte os ânimos se exaltam por conta da competição, mas o nosso trabalho é o de educar, cumprir com os regulamentos e ensinar o que pode e o que não pode ser feito. Por isso existem as bandeiras de orientação e advertência. Essa competição entre a garotada faz parte, é natural”, explica Agostinho Neto, instrutor da Escolinha.

As aulas da turma de 2026 do projeto entraram essa semana na reta final, com as últimas atividades práticas.

Nesta quarta-feira (15), acontece a corrida final, valendo troféu para os três primeiros colocados, e, no dia seguinte, a Escolinha encerrará a temporada com a cerimônia de formatura dos alunos.

Mais informações sobre o projeto estão disponíveis no site speedpark.com.br.